



## (DES)ENLACES

Iuri da Silva Gomes<sup>1</sup>

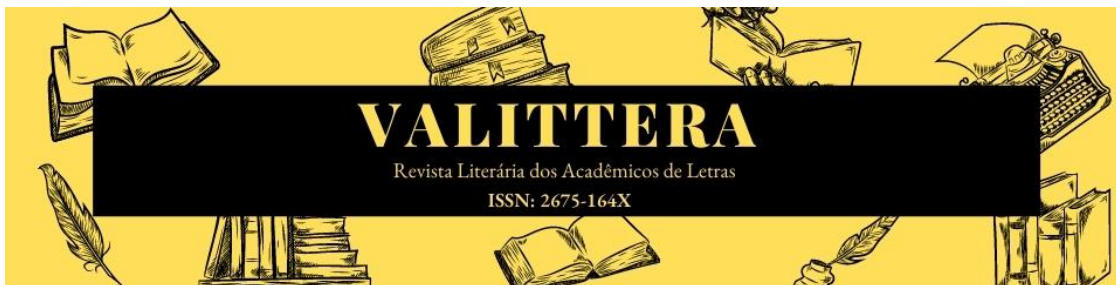
Estou numa encruzilhada amorosa, numa trilha duvidosa e numa rua sem saída. Me chamo Miguel, sou bicha, afeminada, tenho 24 anos e estou apaixonada por dois rapazes que cruzaram o meu caminho. O que eu faço? Onde há paixão existe sinceridade? Quem vai querer dançar no centro do fogo comigo? Ou melhor, quem, depois de dançar, irá permanecer no centro do fogo comigo? E depois de dançar, de gritar e de pular, me beijar, olhar nos meus olhos e me desejar? São exatamente 06h00 de uma segunda-feira fria e chuvosa de inverno. Os sonhos estavam tão bons que eu acordei para ver se eram verdadeiros, acordei e constatei que não eram reais, depois me aqueci nas preocupações e dúvidas da existência. Me aqueci com as lembranças das paixões que tenho tido. Levanto-me da cama, arrumo os lençóis, olho pela janela do meu pequeno apartamento e vejo um dia cinzento, me distraio com a sua beleza e trago os meus olhos de volta ao meu quarto, localizado bem no centro de São Paulo, lugar esse que tanto amo estar. Nas paredes do meu quarto estão as divas da minha vida, digamos, divas de toda bicha que se preze bicha. Eu as olho, as encaro e é como tomar a bênção para um novo dia. A bênção que vinha da minha mãe e do meu pai hoje vem de personalidades outras que conversam com a minha realidade, e que mostram ao mundo quem realmente são. Estou na cozinha preparando o café da manhã, pois tenho que sair de casa e ir para o trabalho às 07h30, tenho uma hora para me arrumar. O café está pronto, sento-me no sofá, pego o meu *smarthphone*, acesso o Facebook e vejo as principais notícias da manhã. Nada de novo nos noticiários, violência, homofobia, assaltos, políticos corruptos... todas as problemáticas de um país em crise, o que me causa medo e aflição. Deixo o celular de lado e procuro o colo da minha mãe em casa. Não o acho,

---

<sup>1</sup> E-mail: [iuri.gomes@mail.uft.edu.br](mailto:iuri.gomes@mail.uft.edu.br)

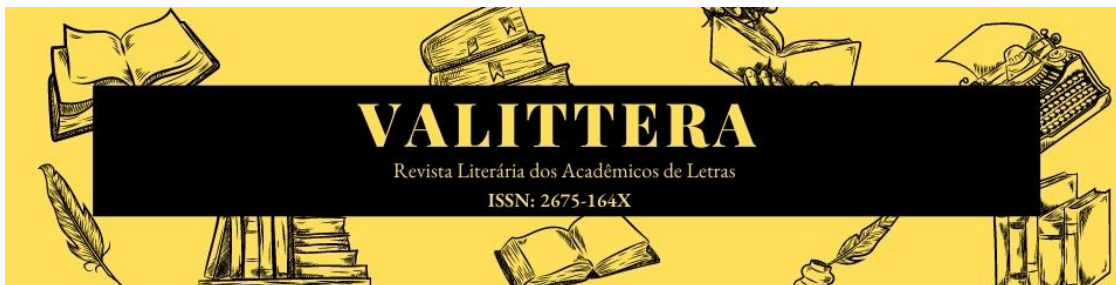


pois ela não está. Ela não sabe se estou bem. Eu não sei se ela está bem. Na última vez que a vi ela disse que não tinha mais um filho, e que não me gerou em seu ventre para eu ser um viado, uma bicha. Essas foram as palavras do meu último encontro com a minha mãe. Há seis anos. Quero esquecer essa história, apesar de tudo, estou bem sem ela, mas confesso que ainda gostaria de experimentar o amor genuíno que só as mães possuem e sabem repassar. Esse amor, infelizmente, eu ainda não experimentei, não sei qual é o sabor e nem a textura. Talvez se ela tivesse me ensinado algumas lições sobre o amor eu poderia, hoje, lidar melhor com as questões que me cercam. Preciso deixar de lado esses pensamentos e me arrumar. São exatamente 07h30 e estou pronto para o estágio, desço as escadas do prédio, não são muitas, pois eu moro no terceiro andar e o ponto de ônibus é bem em frente ao meu prédio. O que é maravilhoso em dias chuvosos, dado que eu não tenho guarda-chuva. Sigo para o escritório onde trabalho na Avenida Paulista, uma agência de *design*. Sou graduando em *design* gráfico e tenho um tesão por cores, maneiras outras de comunicação e arte. Trabalho nessa agência há um ano e meio e me sinto muito bem lá, cultivei amizades sinceras e bons relacionamentos, alguns até afetivos. O que para mim agora é um problema. Você vai entender o porquê. Antes de entrar no prédio onde trabalho passo numa cafeteria e pego o meu cafezinho com o seu Antenor, um senhor já de idade que se acostumou com a minha presença estranha. E eu já me acostumei com os olhares de espanto daquele senhor preso num tempo longínquo onde outras sexualidades-narrativas não eram comuns e tão visíveis. E convenhamos que aos olhos dessa parcela retrógrada da sociedade ainda não é. Família tradicional brasileira é o caralho. Pego o meu café cheio de pinta e vou para o meu trabalho. No brilho. Na luz. No amor. Babadeiro, como dizem as amigas. Pego o elevador e vou para o sexto andar do edifício. Chegando no escritório, da minha mesa e enquanto ligo o computador, cumprimento os meus colegas de trabalho, a minha supervisora e, em seguida abro o e-mail para acompanhar alguns pedidos e mensagens dos clientes. Puta merda. Esqueci de passar na sala do Pedro, o meu chefe, dono do escritório e com quem me envolvo a três meses. Levanto-me e vou cumprimenta-lo em sua sala. Todo santo dia eu faço isso. Hoje, chegando lá, o imprevisto. A Cintia, sua esposa e sócia do escritório, também está lá. Dou bom dia aos dois com a cara mais lavada que uma pessoa poderia fazer, sou craque no

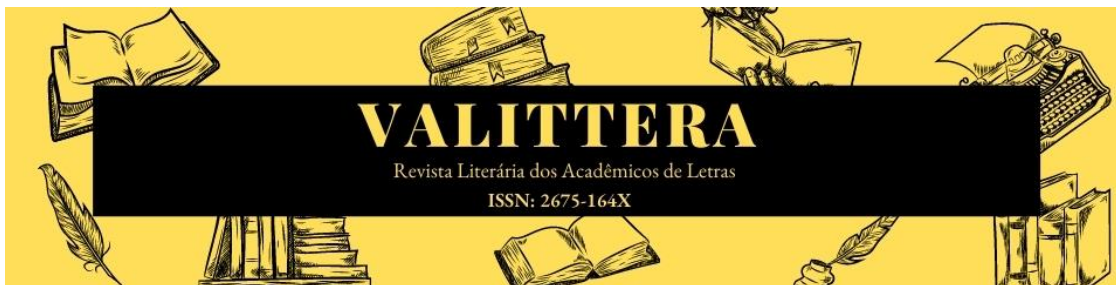


disfarce, amor! Só de pensar que na semana passada eu estava na cama com o Pedro o tesão já percorre todo o meu corpo. Ele é o meu amante ou eu que sou o amante dele? Pedro é um macho, com uma pegada sem igual. Uma piroca de arrancar suspiros e delírios. Uma piroca comprometida. Para mim ele é uma incógnita. Aos olhos da sociedade ele sabe disfarçar bem. O nosso romance começou pouco tempo depois que eu entrei na empresa. O Pedro pegou o meu contato particular e me mandou uma mensagem no Facebook dizendo que estava apreciando demais o meu trabalho e que gostaria de saber se eu era bom em outras áreas da vida como eu era no trabalho. Como não sou boba, saquei de imediato qual era a dele. E não me fiz de desentendida, mergulhei nessa loucura e agora me sinto totalmente envolvida com ele. Embora ele não me dê a mínima às vezes. Só sexo. Só prazer. Nada mais. Ele diz que eu o faço sair da rotina e fugir dos padrões socialmente estabelecidos. Ele diz que o desejo não tem sexo, desejo é desejo. E eu não sou a primeira bicha com quem ele se envolve, porém as outras não trabalhavam no mesmo escritório que ele. Não eram empregadas dele. Eu sou. E agora estou aqui. Numa sala dando bom dia para o meu macho voraz e para a esposa dele. Puta que pariu, que momento insano! Gosto disso. Saio da sala e antes de sair posso notar o riso malicioso do Pedro para mim. A Cintia não vai ao escritório com muita frequência. Ela é administradora numa outra empresa, também de *design*. Ela é uma empreendedora de sucesso. Até hoje eu não sei dizer por qual ou quais motivos o Pedro se envolveu comigo, um rapaz bonito, com um relacionamento sólido, uma bela esposa, bem resolvido financeiramente, mas num dilema sexual. Pedro é hétero para a sociedade. Ele alimentou e forjou essa identidade. A custas de muita dor e sofreguidão. Pedro é gay! Desde o dia da minha primeira entrevista eu pude notar. Nós, bichas, temos um sensor, meu bem! Dou início aos afazeres que não são poucos e me concentro nos projetos a serem elaborados. O dia segue bem e tranquilo.

\*\*\*\*\*



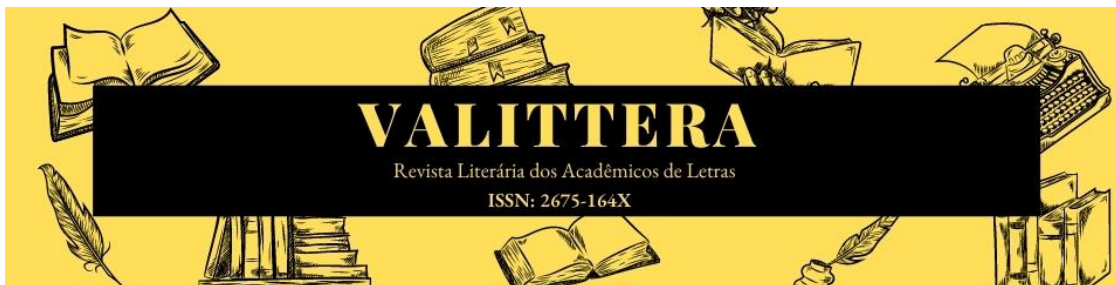
Final de expediente. Estou louca para ir embora. Olho para o relógio e vejo que faltam apenas dez minutos para o encerramento deste dia de trabalho. Passo na sala do Pedro ou não? Acho melhor não, isso pode levantar suspeitas e desconfianças aqui no trabalho. Não vou lá. Vou embora e depois eu falo com ele. Pego o celular e vejo a notificação de uma mensagem: *“Ei, minha putinha, vem aqui na sala do seu macho, vem? Estou cansado e querendo um carinho, vem?!”* Pego a minha mochila e vou. Entro na sala, tranco a porta e mergulho naquela boca carnuda e safada que lambe o meu pescoço e me deixa toda arrepiada com o seu esfregar, juntamente com a barba cerrada. Pedro me enche de tesão. Pedro é o meu chefe. Pedro é casado. Eu sou uma puta. Uma puta de uma bicha. Mas muito profissional. Pedro ama o meu trabalho. Nos enlaçamos, rimos e conversamos. A sala do Pedro é distante do setor onde transitam os outros funcionários. É um baita de um escritório. Os meus finais de expediente têm sido sempre assim. Uma aventura, uma loucura, uma paixão, uma interrogação. Não vamos muito à fundo pois não convém ao lugar. Mas só de beijar, abraçar e sentir os toques dele em meu corpo me dou por satisfeita. Saio da sala primeiro que o Pedro e ele vai embora logo em seguida. Vestindo uma máscara, uma roupagem que não é a dele. Até quando ele vai repreender a própria essência? Vou para casa feliz e cada vez mais desejoso daquele corpo, daquela voz e respirações ofegantes em meus ouvidos. Pego o metrô e vou para casa. Transporte lotado. São tantas vidas. Tantas narrativas. Tantos amores. Tantas dores. Tantos desencontros. Tantos encontros. Tantos olhares em busca de algo indefinido. Saio da estação e caminho até o meu apartamento. No boteco da esquina a surpresa. Fico paralisado e sem palavras. Do boteco eu ouvia um samba envolvente e lá de dentro vinha o Gustavo. Um belo e jovem rapaz, solteiro, bem resolvido sexualmente com quem eu me relaciono a um pouco mais de tempo do que com o Pedro. Quando estou com o Pedro me esqueço do Gustavo. E quando estou com Gustavo eu me esqueço do Pedro. Ele veio todo sorridente com o copo de cerveja na mão, me abraçando e me chamando para entrar no bar. E eu vou, apesar do frio. É noite de segunda-feira e eu não estou nem aí. Gustavo alimenta as minhas esperanças. Gustavo me beija em público. Gustavo não tem máscaras. E ele diz que me ama. Vou beber. Se eu parar para pensar nessa situação toda eu vou surtar. E eu não quero surtar. Só quero amar e ser amado. *“Bora beber, meu amor”*, disse o



Gustavo. *“Só se for agora”,* eu digo. *“Nós temos uma relação muito moderna e gostosa. O princípio é a liberdade. O amor é a consequência. Mas, me diz uma coisa, o amor quer dizer liberdade? Amor compreende liberdade? E a liberdade? Que bicho é esse?”*. Gustavo não responde as minhas perguntas, ele só diz uma coisa: *“Eu te quero, eu te amo.”* E eu enlouqueço. Me entrego. Para ele. Para a cerveja. Pro samba. Que combinação inebriante! Terminamos a noite juntos em minha cama. Foi delicioso. Gustavo se entrega. Ele é um pouco mais jovem do que eu. Tem 21 anos de puro encanto, tesão e vida. Ele diz que me ama e eu fico em silêncio. Dormimos feito loucos e apaixonados. Com a cerveja na cabeça e o samba no coração.

\*\*\*\*\*

Hora de levantar, pois o trabalho me chama. O compromisso se faz presente e eu encaro o amanhecer numa postura alegre e leve. Tomo meu banho, passo perfume, volto para o quarto e vejo o corpo do Gustavo estendido sobre a minha cama. Ver aquele corpo espreguiçando é como visualizar uma obra de arte. Cada movimento me chama a atenção. Será que eu o amo? Vou para a cozinha preparar o café e ele chega a passos cautelosos e me abraça por trás. Me envolve em seus braços e me diz: *“Bom dia, minha vida, meu amor, meu samba da última noite, meu tudo.”* Os meus sentimentos emergem, transbordam assim como o café transbordou da xícara. Gustavo me ama. Ele vai para o banheiro tomar banho e me deixa na cozinha. Eu, uma xícara de café e mil sentimentos à flor da pele. Penso no Pedro e em nosso romance. Preciso dar um basta nisso e focar em quem realmente me faz bem e me ama, que é o Gustavo. Me sinto perdido, apaixonado, amado e perdido de novo. Tomo o café e espero o Gustavo finalizar o banho para sairmos juntos. Ele vai para a universidade e eu para o escritório. Antes de sairmos ele diz querer jantar comigo à noite, à luz de velas e ao som de Bethânia, de Elza e de Gal Costa. Era tudo o que eu queria. Eu aceito. Nos beijamos e cada um vai para lados diferentes da cidade. Posso dizer que do ponto de ônibus da minha rua até a estação de metrô e da estação de metrô até o escritório onde trabalho na Paulista, eu resolvi a minha vida. Disse para mim mesmo que iria dispensar o Pedro. Conversar com ele e dizer



que não quero mais me envolver. Foi bom, sim, foi muito bom. Mas eu quero ser amado, quero mais, não quero só tesão. O amor da minha vida vai fazer um jantar à luz de velas para mim. Chego no prédio eufórico, não pego café com o Sr. Antenor e sigo direto para o sexto andar. Vou pedir demissão do trabalho e da vida do Pedro. Chega. Eu não quero mais. Quero cortar todos os vínculos que me façam lembrar dele. Chego no escritório e vou diretamente para a sala do Pedro e, quando abro a porta, uma nuvem cinzenta de ódio, de dor e de morte me envolve. Na sala está o Pedro e a Cintia. Ela com o celular dele na mão e ele vermelho, nervoso e com os olhos cheios de lágrimas diante dela. *“Então é essa a bichinha que toda manhã vêm na sua sala?”*, disse Cintia. *“Pare com isso, você está desrespeitando a mim e o meu funcionário.”* Calado entrei e calado fiquei. Cintia descobriu a traição do marido ao tomar-lhe o celular em casa e fez questão de vir até à empresa para ver quem era a “putinha” que toda manhã vinha dar “bom dia” ao seu marido. Cintia estava nervosa, eufórica e dizendo que iria falar para todo mundo quem era o marido dela. Cintia era o ódio personificado. Pedro ficou nervoso com a possibilidade de ter a sua vida sexual exposta a tal ponto e surtou na sala. Aos berros. Aos gritos. Esbravejando mentiras. *“Eu não sou viado!”*, *“Eu não sou gay!”* *“Tenho nojo dessa gente!”*. *“Agora eu vou falar”*, pensei comigo. E falei. Falei tudo o que acontecia naquele escritório. Falei do Pedro que conheci e do Pedro que me mandou mensagens tempos atrás desejoso de me ter. Falei do Pedro que já traía a esposa a muitos anos. Falei de um Pedro que se esconde, que se mata dia após a dia, que é infeliz, que não respeita a sua essência e que não assume a sua identidade. Falei de um Pedro que ela não conhecia. Falei de um estranho. Cintia saiu da sala aos prantos. Ele me agarrou no pescoço e, sem ter dimensão da força que o envolvia, me enforcou até à morte. Quando foi atrás de Cintia, mas já tarde demais. Ela pegou o carro e saiu rapidamente. Os funcionários viram toda a confusão e quando abriram a porta da sala do escritório de Pedro viram a fatalidade. Pedro matou o que ele negava em sua própria natureza. As mãos que antes passavam carinhosamente em meu pescoço, hoje me enforcaram. Avisem ao Gustavo que eu iria dizê-lo hoje à noite que também o amo e que errei ao me iludir com as paixões inadequadas e vazias. As velas do jantar, se forem aromáticas, meu bem, poderão servir para o meu funeral. Adeus, Gustavo, Elza, Bethânia, Gal, poesia. Adeus, São Paulo. Adeus, mãe. Adeus, primavera que não vi.